

REPRESENTAÇÃO SOCIAL DE RISCO NO TRABALHO POR ALUNOS DO CURSO
TÉCNICO DE SEGURANÇA DO TRABALHO
*SOCIAL REPRESENTATION OF RISK AT WORK BY STUDENTS OF THE COURSE WORK SAFETY TECH-
NICIAN*

Eliane Ayrolla Navega Chagas¹, Rita de Cássia Pereira Lima²

¹ Graduada pela UFF, Mestre em Ensino de Ciências da saúde e do Ambiente pela UNIPLI. Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estácio de Sá (Unesa-RJ)

² Doutorado em Educação (Université René Descartes - Paris V). Professora no Programa de Pós-Graduação em Educação e no Curso de Pedagogia- Universidade Estácio de Sá (Unesa/RJ). - ritaplma2008@gmail.com

Recebido em 12 de Novembro de 2018; Aceito em 20 de Novembro de 2018.

Resumo

Avanços científicos e o progresso tecnológico recentes orientaram mudanças nas qualificações requeridas na formação técnica. Qualidades como gerenciar e prevenir riscos são requeridas deste novo profissional. Esse panorama chama a atenção para a relevância da formação do trabalhador, eixo do estudo aqui apresentado, cujo objetivo foi investigar representações sociais de “riscos no trabalho” por alunos do Curso Técnico de Segurança do Trabalho. A pesquisa se fundamentou na teoria *moscoviana* das representações sociais. O estudo, de caráter quantitativo e qualitativo, foi realizado em uma instituição federal do Estado do Rio de Janeiro, na modalidade pós-médio e contou com a participação de 22 alunos. Foi aplicado um questionário de múltipla escolha com situações de “riscos no trabalho”. Buscou-se avaliar o nível de concordância e o nível de importância atribuídos a ações relacionadas a riscos no trabalho, utilizando-se uma escala de respostas do tipo Likert de 5 pontos. Esse material foi complementado por entrevista semidirigida, analisada com apoio da análise de conteúdo. A seguinte questão foi escolhida como recorte para esse trabalho e utilizou a técnica de “indução de metáforas”: “Se Risco no Trabalho pudesse ser uma outra coisa (um animal, um vegetal, um mineral...) o que seria? Por que?”. A pesquisa revelou conhecimento superficial e pouco teórico do “risco no trabalho”, como se os acidentes ocorressem por fatalidade. Aponta a relevância de se avançar em pesquisas sobre representações sociais nessa área de formação, valorizando-se os discursos e as práticas dos alunos.

Palavras-chave: Riscos no trabalho. Riscos. Formação Profissional. Cursos Técnicos. Representações Sociais.

Abstract

Scientific advances and recent technological progress have guided changes in the qualifications required in technical formation. Qualities such as risk management and risk prevention are required of this new professional. This panorama draws attention to the relevance of worker formation, presented in this study, whose objective was to investigate social representations of “risk at work” by students of the technical course of work safety. The research was based on the Moscovician theory of social representation. The study, qualitative and quantitative, was performed in a federal institution of the State of Rio de Janeiro, in the post-secondary modality and counted on the participation of 22 students. A multiple choice questionnaire was applied with “risk at work” situations. The aim was to evaluate the level of agreement and level of importance attributed to actions related to risk at work, using a scale of 5-points Likert responses. This material was complemented by a semi-structured interview, analyzed with content analysis support. The following question, chosen as a cut of this work, used the technique of “induction of metaphors”: If risk at work could be something else (an animal, a vegetable, a mineral ...) What would it be? Because? The research revealed superficial and little theoretical knowledge of “risk at work” as if accidents occurred by fatality. It points out the relevance of advancing on social representation researchs in this area of formation valuing students discourses and practices.

Keywords: Risk at work. Risk. Professional Formation. Technical Courses. Social Representations.

INTRODUÇÃO

Desde a antiguidade o risco está presente na vida humana, em suas atividades cotidianas e laborais. O constante desenvolvimento científico, tecnológico e produtivo tem contribuído para o controle do risco e também para sua diversificação. Segundo Bernstein (1997, p.2), “compreender o risco, ser capaz de medi-lo e avaliar suas consequências, converteu o ato de correr riscos em um dos principais catalisadores da sociedade ocidental moderna”. Este mesmo autor afirma ainda que “a ideia revolucionária que define a fronteira entre os tempos modernos e o passado é o domínio do risco” (BERNSTEIN, 1997, p.1).

Vivemos em um panorama de mudanças e avanços que requerem conhecimentos mais aprofundados sobre “riscos no trabalho”. Parte da literatura sobre o tema privilegia conteúdos geralmente associados a risco ocupacional que englobam riscos químicos, físicos, ergonômicos, biológicos e mecânicos, em sua relação com a saúde do trabalhador (TAKAHASHI *et al.*, 2012; SIMONELLI *et al.*, 2010; TEIXEIRA; ROCHA, 2010; LIMA *et al.*, 1999). A maioria dos estudos relaciona-se à saúde e ao ambiente de trabalho, apontando para uma visão de “riscos no trabalho” voltada para a aplicação de normas de segurança e utilização de equipamentos de proteção individual (TAKAHASHI *et al.*, 2012; ANCHIETA *et al.*, 2011; MARZIALE, 2004). Os resultados dessas pesquisas mostram a existência de ações tradicionais que seguem procedimentos normatizados por normas regulamentadoras.

Os enfoques apontados acima sobre “riscos no trabalho”, a maioria relacionados à saúde do trabalhador, tendem também a ser valorizados na formação do Técnico de Segurança do Trabalho. Tais riscos envolvem ações de prevenção que demandam aplicação de normas regulamentadoras, as quais no Brasil estão em consonância com a legislação expressa na Portaria nº 3.214/78, do Ministério do Trabalho e Emprego (BRASIL, 1978).

No entanto, é preciso considerar que há também pesquisas na área de segurança e saúde que apontam para a necessidade de compreensão do modo de pensar do trabalhador como estratégia para desenvolver outras ações, levando em conta suas experiências e vivências sociais (NEVES, 2008; BERNARDO, 2002; PERES *et al.*, 2005; FACCHINI. *et al.*, 1997). O presente estudo se insere dentro desta perspectiva e busca compreender conhecimentos apropriados e construídos por alunos do Curso Técnico de Segurança do Trabalho, privilegiando a construção de significados sobre “riscos no trabalho”.

Para abordar essa questão foi adotado o referencial teórico-metodológico das representações sociais. De acordo com Jodelet (2001, p. 22), as representações sociais são “uma forma de conhecimento elaborada e partilhada socialmente, com um objetivo prático e que contribui para a construção de uma realidade comum a um conjunto social”. De acordo com a autora, os conteúdos da representação “formam conjuntos caleidoscópicos de diversos constituintes: ideológicos, informativos, cognitivos, normativos, crenças, valores, atitudes, opiniões, imagens, etc.” (JODELET, 2005, p. 350-358).

Desse modo, com base no que propõe Sá (1998) – toda representação social envolve um sujeito (grupo) que representa, e em um objeto que é representado – o objetivo desse estudo é investigar representações sociais de “riscos no trabalho” por alunos de um Curso Técnico de Segurança do Trabalho, modalidade pós-médio. Segundo Moraes e Chamon (2006) “a representação social do risco vai além dos manuais”, pois nem tudo se resume ao conhecimento técnico. É preciso também considerar as subjetividades dos sujeitos que estão envolvidos nessa construção de significados sobre “risco no trabalho”, tendo em vista que experiências podem influenciar a tomada de decisão diante de tal risco, se sobrepondo ao conhecimento técnico. Assim, destacamos a relevância de se avançar em pesquisas sobre representações sociais a respeito de “riscos” na formação do trabalhador. Segundo Bernstein (1997, p. 8), a compreensão real e ampla do risco se faz necessária para tomadas de decisões mais racionais, pois: “O risco é uma opção, e não um destino”.

“Riscos no trabalho” e representações sociais

Em sua pesquisa *La psychanalyse, son image et son public*, Moscovici (1961/1976) se interessou em analisar o que acontece “quando um novo corpo de conhecimento [...] se espalha dentro de uma população humana (GUARESCHI; JOVCHELOVITCH, 2013, p.40). A teoria inaugurada pelo autor colocou em destaque a dimensão psicossocial e a comunicação desse conhecimento dentro da sociedade. Segundo Moscovici (2011, p. 27), “toda representação é a interpretação de algo existente, é o olhar social para um conceito disponível na sociedade”. Para o autor, “nenhuma mente está livre dos efeitos de condicionamentos anteriores que lhe são impostos por suas representações, linguagem ou cultura” (MOSCOVICI, 2015, p. 35).

Segundo essa perspectiva teórica, o conhecimento do senso comum construído por indivíduos e grupos está diretamente relacionado com suas práticas sociais. Moscovici (2012) propõe a representação social como uma “preparação para a ação”. De acordo com Campos (2012, p. 16), “o estudo das representações permite aos pesquisadores compreender qual o significado atribuído por um determinado grupo social, tanto à situação propriamente dita, quanto aos comportamentos”. O autor ainda acrescenta:

O grande interesse despertado pela TRS, inclusive no campo de outras ciências humanas, vem em parte de seu potencial de explicação do pensamento cotidiano dos grupos sociais e seus postulados quanto à imbricação desta modalidade de pensamento e as práticas sociais. Nos campos da educação e da saúde, a teoria foi acolhida como uma possibilidade de melhor compreender a relação entre pensamento e ação dos grupos, de modo a permitir sua análise e, para além disto, a intervenção” (CAMPOS, 2012, p. 14).

Um conjunto de fatores pode influenciar representações sobre “riscos no trabalho”, tais como psicológicos, simbólicos, econômicos, sociais e pessoais. Segundo Loewenstein *et. al.* (2001), a definição de risco oscila diante de diversos contextos sociais onde é produzida, apesar de também depender de emoções e de sentimentos. Areosa (2007a; 2007b; 2007c) se refere às percepções pessoais de riscos. Dwyer (2006) afirma que as percepções de risco se assentam na diversidade, levando em conta que alguns trabalhadores podem considerar uma determinada situação como ameaçadora e outros como estimulante.

Ou seja, o risco está presente em nosso dia a dia e preocupações com determinados tipos tem aumentado em virtude da ampliação de debates que englobam também tensões sociais, precariedade social, apontando a vulnerabilidade ao risco e toda sua complexidade. Como afirma Campos (2012, p. 21):

Considerando a situação de vulnerabilidade como uma situação social complexa, parece-nos legítimo tratar as representações associadas a esta situação como condição das práticas e, portanto, como elementos necessários à compreensão da adesão ou não às práticas preventivas.

Partimos do princípio que as representações podem influenciar na adesão às práticas preventivas necessárias para as abordagens de “risco no trabalho”. Tais representações podem ser tomadas como referência no processo decisório do futuro profissional frente às situações que poderão surgir, principalmente em suas atividades laborais. Devido à abrangência e à complexidade da temática de “riscos no trabalho”, tomamos como referencial para este estudo alguns autores que tratam o “risco” na modernidade e apontam para a necessidade de reflexões mais aprofundadas sobre o tema.

Beck (2011) afirma que a modernidade passa por um momento de ruptura histórica que não determina o seu fim, mas a reconfigura. Ele apresenta a sociedade de riscos industrializados e globalizados que atingem a todos e em todos os lugares sem distinção. O autor aponta a existência de riscos reais, os que já ocorreram, e riscos irrealis, aqueles que serão calculados. Afirma ainda que os riscos na contemporaneidade se baseiam

no conhecimento, e que a ciência tem um papel central na criação desta nova moeda de mercado. Podemos considerar que essa “nova moeda” e este novo conhecimento que se disseminam na modernidade geram um ambiente propício para o surgimento de representações sobre “riscos no trabalho”.

Ainda de acordo com Beck (2011, p. 13), “na modernidade tardia, a produção social de riqueza é acompanhada sistematicamente pela produção social de riscos”. Riscos estes que, acrescenta o autor, “são desencadeados numa medida até então desconhecida”. Para ele, “o processo de modernização legitimado em seus efeitos por longo tempo, como um esforço para superar a miséria, agora é também um processo que distribui riscos” (BECK, 2011, p 25).

Em uma perspectiva sociológica, a reflexividade necessária diante dos novos riscos é também apontada por Giddens (1991). Segundo este autor, trata-se de uma reflexividade que precisa ser conjunta, visto que os riscos afetam coletividades, não devendo ser vistos como uma questão de ação individual.

Diante desse tema que atravessa a história das sociedades, priorizamos aqui a formação técnica do profissional de segurança do trabalho, defendendo que o referencial teórico-metodológico das representações sociais pode contribuir para investigar de que modo estudantes estão construindo representações sobre “risco no trabalho”. Trata-se de um estudo com potencial para elucidar relações entre aspectos teóricos do curso e as práticas exercidas no trabalho. Atuar reflexivamente sobre estas questões relacionadas ao risco em cursos de formação profissional pode ser um caminho para o enfretamento necessário e talvez uma mudança face a situações que exigem lidar com o risco no trabalho.

METODOLOGIA

O estudo, de caráter qualitativo e quantitativo, foi realizado em uma instituição federal do Estado do Rio de Janeiro, na modalidade pós-médio do Curso de Segurança do Trabalho, e contou com a participação de 22 alunos de ambos os sexos, com faixa etária entre 18 e 45 anos. A classe foi convidada a participar, depois de esclarecidos do objetivo do estudo.

Inicialmente foi utilizado um questionário com questões fechadas (GIL, 2008) utilizando-se uma escala de respostas do tipo Likert de 5 pontos que variam da total discordância até a total concordância sobre determinada afirmação, buscando avaliar o nível de concordância e o nível de importância atribuídos a ações relacionadas a riscos no trabalho. Para verificar se o conteúdo do questionário era representativo frente ao universo teórico que se pretendia medir, o instrumento foi validado por oito especialistas da área de Segurança do Trabalho. Para análise da confiabilidade e do coeficiente de consistência interna do questionário foi aplicado o teste Alpha de Cronbach.

Os dados obtidos geraram gráficos, possibilitando uma análise descritiva do posicionamento do grupo em relação ao tema da pesquisa.

Esse material foi complementado por entrevista semidirigida, que incluiu a técnica de indução de metáforas, por meio da seguinte questão: “Se risco no trabalho pudesse ser uma outra coisa (um animal, um vegetal, um mineral...) O que seria? Por quê?” (ANDRADE, 2006). As repostas a esta questão foram tomadas como recorte para o presente trabalho.

As metáforas constituem-se em uma forma de expressar, por meio de linguagem cotidiana, os significados a respeito de um determinado objeto. Considerando que, para Moscovici (2015), a representação social nasce da necessidade humana de tornar familiar o que não é familiar, a técnica de indução de metáforas é pertinente aos objetivos, pois permite que os sujeitos expressem de forma espontânea, por meio de analogias, o que pensam a respeito de um objeto. Para Mazzotti (1998, p. 4):

Uma metáfora é, ao mesmo tempo, um produto, resultado de um processo, e o processo pelo qual o 'novo' é assimilado nas representações prévias. O processo de metaforização se faz pela transformação do 'objeto' em algo que se apresenta como uma 'imagem', materializando-o na forma inteligível para o grupo social, a qual é o ponto de apoio ou âncora das significações postas na metáfora.

A organização dos dados decorrentes da indução de metáfora, com suas justificativas, se fundamentou na análise de conteúdo, considerando-se três dimensões: pré-análise; exploração do material; tratamento dos resultados, inferência e interpretação (BARDIN, 2016).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A análise dos dados do questionário possibilitou a caracterização de percepção de “risco no trabalho” do grupo pesquisado. Este questionário foi dividido em sete dimensões, cada uma com questões específicas, que avaliaram diferentes aspectos que envolvem situações de risco no trabalho para os alunos participantes. As situações de referência elencadas em cada dimensão são resultado da revisão de literatura sobre o tema e da validação por profissionais da área de segurança do trabalho.

A Dimensão 1 avaliou o nível de risco identificado em diversas situações hipotéticas sendo: Muito risco (MR), Algum risco (AR), Sem opinião (SO) Pouco risco (PR), Nenhum risco (NR). As seis questões referentes a esta dimensão estão expostas a seguir, acompanhadas da porcentagem de respostas dos alunos:

- 1- Acelerar uma obra para cumprir o prazo: 13 alunos- MR (59,09%), 07 alunos-AR (31,8%), 02 alunos- PR (9,09%).
- 2- Trabalhar sem usar EPI: 21 alunos – MR (95,50%), 01 alunos- AR (4,5%).
- 3- Não acelerar o andamento da obra (risco de perder o emprego): 03 alunos- MR (13,63%), 10 alunos- AR (45,45%), 06 alunos- SO (27,27%), 03 alunos- PR (13,63%).
- 4- Trabalhar em local de ruído excessivo: 18 alunos- MR (81,81%), 04 alunos- AR (18,18%).
- 5- Trabalhar sem óculos de proteção: 17 alunos- MR (77,27%), 05 alunos- AR (22,72%).
- 6- Iluminação fraca no local de trabalho: 09 alunos- MR (40,90%), 13 alunos- AR (59,09%).

Considerando as seis questões e a escala Likert aplicada (variando de 1 a 5), os principais resultados da Dimensão 1 mostram que maioria considera “Muito Risco”: “acelerar obra para cumprir prazo”, “trabalhar sem usar EPI”, “trabalhar em local de ruído excessivo”, “trabalhar sem óculos de proteção”.

A Dimensão 2 avaliou como o grupo percebe o risco e identifica algumas de suas características, sendo: Concordo totalmente (CT), Concordo (C), Sem opinião (SO), Discordo (D), Discordo totalmente (DT). Onze questões foram inseridas nessa dimensão, expostas a seguir e acompanhadas pela porcentagem de respostas dos alunos:

- 1- Riscos são determinados por vários fatores: 15 alunos- CT (68,18%), 07 alunos- C (31,81%).
- 2- Riscos nunca trazem benefícios: 05 alunos- CT (22,72%), 07 alunos- C (31,81%), 03

- alunos- SO (13,63%), 05 alunos- D (22,72%), 02 alunos- DT (9,09 %).
- 3- Riscos são de influência divina: 06 alunos- SO (27,27%) assinalando a resposta sem opinião, 11 alunos- D (50%), 05 alunos- DT (22,72%).
 - 4- Riscos são negociáveis: 04 alunos- C (18,18%), 02 alunos- SO (9,09%), 09 alunos- D (40,90%), 07 alunos- DT (31,81%).
 - 5- Riscos podem ser invisíveis: 09 alunos- CT (40,90%), 04 alunos- C (18,18%), 03 alunos- SO (13,63%), 05 alunos- D (22,72%), 01 aluno- DT (4,54 %).
 - 6- Riscos podem trazer benefícios: 05 alunos- C (22,72%), 03 alunos- SO (13,63%), 07 alunos- D (31,81%), 07 alunos- DT (31,81%).
 - 7- Conhecimento científico e tecnológico resolvem todos os riscos: 02 alunos- CT (9,09%), 06 alunos- C (27,27%), 01 aluno- SO (4,54 %), 13 alunos- D (59,09%).
 - 8- Riscos são sempre visíveis: 01 aluno- CT (4,54%), 02 alunos- C (9,09%), 15 alunos- D (68,18%), 04 alunos- DT (18,18 %).
 - 9- Riscos são inevitáveis: 01 aluno- CT (4,54 %), 05 alunos- C (22,72%), 02 alunos- SO (9,09%), 10 alunos- D (45,45%), 04 alunos- DT (18,18%).
 - 10- Riscos são determinados por apenas um fator: 01 aluno- C (4,54 %), 02 alunos- SO (9,09%), 14 alunos- D (63,63%), 05 alunos- DT (22,72%).
 - 11- Riscos são sempre perigosos: 09 alunos- CT (40,90%), 07 alunos- C (31,81%), 01 aluno, SO (4,54 %), 04 alunos- D (18,18%), 01 aluno- DT (4,54 %).

Considerando as onze questões e a escala Likert aplicada (variando de 1 a 5), alguns resultados da Dimensão 2 mostram que maioria “Concorda Totalmente” com: “Riscos são determinados por vários fatores”, “Riscos podem ser invisíveis”, “Riscos são sempre perigosos”.

A Dimensão 3 avaliou o nível de concordância na aceitação de riscos em situações hipotéticas sendo: Concordo totalmente (CT), Concordo (C), Sem opinião (SO), Discordo (D), Discordo totalmente (DT). As seis questões referentes a esta dimensão, acompanhadas da porcentagem de respostas dos alunos, estão expostas a seguir:

- 1- Recompensas materiais justificam aceitação de riscos: 02 alunos- SO (9,09%), 14 alunos- D (63,63%), 06 alunos- DT (27,27 %).
- 2- Recompensas financeiras justificam aceitação de riscos: 01 alunos- C (4,54%), e 02 alunos- SO (9,09%), 13 alunos-D (59,09%), 06 alunos- DT (27,27%).
- 3- Reconhecimento no trabalho justifica aceitação de riscos no trabalho: 02 alunos- C (9,09%), e 01 aluno- SO (4,54%), 14 alunos- D (63,63%), 05 alunos- DT (22,72%).
- 4- O aumento de riscos não compensa o aumento de benefícios: 07 alunos- CT (31,81%), 06 alunos- C (27,27%), 02 alunos- SO (9,09%), 07 alunos- D (31,81%).
- 5- Receio de perder o emprego justifica aceitação de riscos no trabalho: 03 alunos- C (13,63%), e 03 alunos-SO (13,63%), 10 alunos-D (45,45%), 06 alunos- DT (27,27%).
- 6- Penalidades altas diminuem a aceitação de riscos: 04 alunos- CT (18,18%), 04 alunos- C (18,18%), 05 alunos-SO (22,72%), 07 alunos- D (31,81%), 02 alunos- DT (9,09%).

Considerando as seis questões e a escala Likert aplicada (variando de 1 a 5), alguns resultados da Dimensão 3 mostram que maioria “Discorda” de: “Recompensas materiais justificam aceitação de riscos”; “Recompensas financeiras justificam aceitação de riscos”; “Reconhecimento no trabalho justifica aceitação de riscos no trabalho”; “Receio de perder o emprego justifica aceitação de riscos no trabalho”.

A Dimensão 4 avaliou o comportamento dos sujeitos diante do risco no trabalho através da concordância ou discordância diante de situações hipotéticas, sendo: Concordo totalmente (CT), Concordo (C), Sem opinião (SO), Discordo (D), Discordo totalmente (DT). Dez questões foram inseridas nessa dimensão, expostas a seguir e acompanhadas da porcentagem de respostas dos alunos:

- 1- Não aceitação de riscos faz parte de sua personalidade: 06 alunos- CT (27,27%), 09 alunos- C (40,90%), 02 alunos- SO (9,09%), 03 alunos- D (13,63%), 02 alunos- DT (9,09%).
- 2- Pressão dos colegas pode te influenciar a aceitar riscos: 03 alunos- C (13,63%), assinando a resposta concordo, 15 alunos- D (68,18%), 04 alunos- DT (18,18%).
- 3- Correr risco te desmotiva: 02 alunos- CT (9,09%), 09 alunos- C (40,90%), 02 alunos- SO (9,09%), 07 alunos- D (31,81%), 02 alunos- DT (9,09%).
- 4- Prefiro lidar com riscos sozinho: 01 alunos- CT (4,54%), 01 alunos- C (4,54%), 06 alunos- SO (27,27%), 12 alunos- D (54,54%), 02 alunos- DT (9,09%).
- 5- Aceitação de riscos faz parte de sua personalidade: 01 alunos- CT (4,54%), 04 alunos- C (18,18%), 02 alunos- SO (9,09%), 10 alunos- D (45,45%), 05 alunos- DT (22,72%).
- 6- Prefiro trabalhar em equipe diante de riscos. 03 alunos- CT (13,63%), 13 alunos- C (59,09%), 02 alunos- SO (9,09%), 04 alunos- D (18,18%).
- 7- Correr riscos te faz sentir motivado: 01 alunos- CT (4,54%), 01 alunos- C (4,54%), 01 alunos- SO (4,54%), 14 alunos- D (63,63%), 05 alunos- DT (22,72%).
- 8- Treinamentos lhe conferem habilidades motoras: 07 alunos- CT (31,81%), 11 alunos- C (50%) , 04 alunos- SO (18,18%).
- 9- Treinamentos lhe conferem habilidades decisórias: 08 alunos- CT (36,36%), 10 alunos- C (45,45%), 02 alunos- SO (9,09%), 02 alunos- D (9,09%).
- 10- Treinamentos lhe conferem habilidades perceptivas de riscos: 07 alunos- CT (31,81%), 12 alunos- C (54,54%), 03 alunos- SO (13,63%).

Considerando as 10 questões e a escala Likert aplicada (variando de 1 a 5), alguns resultados da Dimensão 4 mostram que maioria “Concorda” com: “Não aceitação de riscos faz parte de sua personalidade”; “Correr risco te desmotiva”; “Prefiro trabalhar em equipe diante de riscos”; “Treinamentos lhe conferem habilidades motoras”; “Treinamentos lhe conferem habilidades perceptivas de riscos”. E “Discorda” de: “Pressão dos colegas pode te influenciar a aceitar riscos”; “Prefiro lidar com riscos sozinho”; “Aceitação de riscos faz parte de sua personalidade”; “Correr riscos te faz sentir motivado”.

A Dimensão 5 avaliou o nível de risco associado a alguns comportamentos, sendo: Muito Risco (MR), Algum Risco (AR), Sem opinião (SO) Pouco Risco (PR), Nenhum risco (NR). As nove questões referentes a esta dimensão, acompanhadas da porcentagem de respostas dos alunos, são:

- 1- Ignorar regras de segurança: 20 alunos- MR (90,90%), 02 alunos-AR (9,09%).
- 2- Não usar EPI: 20 alunos-MR (90,90%), 02 alunos- AR (9,09%)
- 3- Executar atividades de forma insegura: 15 alunos- MR (68,18%), 07 alunos-AR (31,81%).
- 4- Fingir seguir as regras: 13 alunos- MR (59,09%), 09 alunos-AR (40,90%).
- 5- Não seguir os procedimentos orientados: 14 alunos- MR (63,63%), 08 alunos- AR (36,36%).
- 6- Ignorar sinalização e placas orientadoras de segurança: 16 alunos- MR (72,72%), 06 alunos- AR (27,27%).
- 7- Seguir as regras de segurança: 01 aluno- MR (4,54%), 17 alunos- PR (77,27%), 04 alunos- NR (18,18%).
- 8- Usar EPI: 01 alunos- MR (4,54%), 01 alunos- AR (4,54%), 16 alunos- PR (72,72%), 04 alunos- NR (18,18%).
- 9- Executar atividades de forma segura: 01 alunos- MR (4,54%), 01 alunos- AR (4,54%), 18 alunos- PR (81,81%), 02 alunos- NR (9,09%).

Considerando as nove questões e a escala Likert aplicada (variando de 1 a 5), alguns resultados da Dimensão 5 mostram que a maioria considera “Muito Risco”: “Ignorar regras de segurança”; “Não usar EPI”; “Executar atividades de forma insegura”; “Não seguir os procedimentos orientados”; “Ignorar sinalização e placas orientadoras de segurança”.

A Dimensão 6 avaliou a satisfação dos conteúdos sobre riscos no trabalho no curso sendo: Totalmente Satisfatório (TS), Satisfatório (S), Sem opinião (SO), Insatisfatório (I), Totalmente Insatisfatório (TI). Duas questões foram inseridas nessa dimensão, expostas a seguir e acompanhadas da porcentagem de respostas dos alunos:

- 1- Conteúdos sobre risco no trabalho: 08 alunos- TS (36,36%), 13 alunos- (S) (59,09%)
01 alunos- I (4,54%).
- 2- Atividades que desenvolvam percepção de risco no trabalho: 09 alunos- TS (40,90%),
09 alunos- S (40,90%), 04 alunos-I (18,18%).

Considerando as duas questões e a escala Likert aplicada (variando de 1 a 5), o principal resultado da Dimensão 6 mostra que maioria considera “Satisfatório” os “Conteúdos sobre risco no trabalho”.

A Dimensão 7 avaliou situações que envolvem risco no trabalho e o uso de Equipamento de Proteção Individual (EPI) sendo: Concordo totalmente (CT), Concordo (C), Sem opinião (SO), Discordo (D), Discordo totalmente (DT). As oito questões referentes a esta dimensão, acompanhadas da porcentagem de respostas dos alunos, estão expostas a seguir:

- 1-A utilização de EPI previne acidentes: 09 alunos- CT (40,90%), 11 alunos- C (50%), 02 alunos-D (9,09%).
- 3- A utilização de óculos de proteção protege meus olhos: 11 alunos-CT (50%), 11 alunos- C (50%).

- 4 – A utilização de protetores auditivos evita surdez: 07 alunos-CT (31,81%), 12 alunos- C (54,54%), 03 alunos-D (13,63%) assinalando discordo.
- 5 – EPIs causam desconforto: 10 alunos- C (45,45%), 03 alunos- SO (13,63%), 09 alunos- D (40,90%).
- 6 – EPIs atrapalham os movimentos: 08 alunos-C (36,36%), 04 alunos- SO (18,18%) 10 alunos- D (45,45%).
- 7 – EPIs aumentam os riscos de acidentes: 14 alunos-D (63,63%), 08 alunos- DT (36,36%).
- 8 – Não há necessidade do uso de EPIs: 01 aluno- C (4,54%), 08 alunos- D (36,36%), 13 alunos- DT (59,09%).
- 9 – EPIs em algumas situações aumentam os riscos de acidentes: 01 alunos- C (4,54%), 01 alunos- SO (4,54%), 10 alunos- D (45,45%), 10 alunos- DT (45,45%).

Considerando as seis questões e a escala Likert aplicada (variando de 1 a 5), alguns resultados da Dimensão 7 mostram que maioria “Concorda” com: “A utilização de protetores auditivos evita surdez”; “Discorda” de: “EPIs aumentam os riscos de acidentes”; “Discorda Totalmente” de: “Não há necessidade do uso de EPIs”.

No conjunto das sete dimensões, os resultados apontam uma tendência do grupo em interpretar de forma mais coesa situações com potencial dano à saúde, à vida, à prevenção e relacionadas mais diretamente com os conhecimentos técnicos adquiridos no curso. Os dados também indicam que nas questões onde se apresentam cenários mais imprevisíveis e que envolvem uma tomada de decisão mais subjetiva, como por exemplo “aceitar riscos em troca de benefícios”, as avaliações foram mais dispersas. Tais dados indicam ainda que existem variações no grau de percepção de riscos no trabalho pelo grupo pesquisado, seja pelo resultado da construção individual sobre riscos no trabalho, seja pelas representações elaboradas, seja pela construção coletiva, seja pelo conhecimento adquirido no curso.

De acordo com Almeida *et al.* (2008), o risco pode ser objetivo, porém sua percepção e sua aceitação dependem de aspectos culturais e pessoais. Beck (2011, p. 37) também menciona que: “alcance, urgência e existência de riscos oscilam com a diversidade de valores e interesses”. E para Douglas (1992, p.78), “o que é considerado risco, e quão sério esse risco é pensado ser, será percebido de forma diferente dependendo da organização ou agrupamento ao qual a pessoa pertença ou com que se identifique”. Os resultados apontam para a necessidade de se aprofundar o tema “risco no trabalho” nos cursos de segurança do trabalho, introduzindo reflexões que conduzam para uma formação mais ampla valorizando outras dimensões que complementem o conhecimento técnico.

Este material foi complementado pela aplicação da técnica de indução de metáforas em entrevista semiestruturada, conforme já mencionado. A análise desse recorte da pesquisa será apresentada a seguir.

A utilização da técnica de indução de metáforas

Visando contribuir para o aprofundamento do tema de pesquisa, foi aplicada a técnica de “indução de metáforas”, orientada pela questão já descrita: “Se Risco no Trabalho pudesse ser uma outra coisa (um animal, um vegetal, um mineral...) o que seria? Por quê?” (ANDRADE, 2006). O Quadro 1 apresenta uma síntese da análise realizada, com exemplos de algumas analogias, os significados atribuídos pelos sujeitos e o que eles expressam em termos de sentimentos relacionados ao objeto “riscos no trabalho”. O Quadro 1 derivou de categorias inferidas previamente, com base em Bardin (2016).

Quadro 1: Metáforas/Analogias, principais significados e tipo de relação com o objeto “risco no trabalho”.

ANALOGIAS	SIGNIFICADOS ATRIBUÍDOS	RELAÇÃO COM O OBJETO
COBRA	Traiçoeira, machuca, imprevisível	Desconfiança
MOSQUITO DA ZICA	Situação de perigo provocado pelo outro	Precaução Responsabilização do outro
LEÃO	Feroz, manter distância, respeitar limite, se preparar para enfrentar	Precaução Necessidade de conhecimento
COLMÉIA	Saber lidar, usar os EPIs	Prevenção Necessidade de conhecimento
PITBULL	Provoca medo, necessidade de adestrar, ter controle, imprevisível	Medo Precaução Necessidade de conhecimento
FACA	Corta, algo que pode machucar	Precaução
FALSAS AMIZADES	Traiçoeiro, morte, imprevisibilidade	Desconfiança Fatalidade
MAR	Saber lidar, cuidado, morte, treinamento, limite	Necessidade de conhecimento Fatalidade
CHUVA	Perigo de morte, imprevisibilidade, morte, cuidado	Fatalidade Precaução Desconfiança
SINAL DE TRÂNSITO	Cuidado	Necessidade de conhecimento Precaução
QUADRO	Necessidade de alertar as pessoas, necessidade de prevenção	Necessidade de conhecimento Prevenção
AMBIENTE DESCONHECIDO	Imprevisível, traiçoeiro	Necessidade de conhecimento Desconfiança
PLACAS DE SINALIZAÇÃO	Alertar para tomar cuidado, depende de administradores	Precaução Responsabilização do outro
SEGURANÇA PÚBLICA	Depende de administradores	Responsabilização do outro
CAIXA COM BANANA DE DINAMITE	Algo que pode machucar	Precaução Desconfiança

Os participantes fizeram analogias com animais, por exemplo, “cobra”, “leão”, “cachorro bitbull”, insetos como “colméia de abelhas”, “mosquito da Zica”, e até mesmo um “animal a ser inventado”. Também fizeram analogias com objetos gerais como “faca”, “quadro”, “caixa com uma banana de dinamite dentro”, “placas

de sinalização de trânsito”, “meio de transporte”, “segurança pública”, e com objetos ligados à natureza, como “mar” e “chuva fina”. Os principais significados atribuídos a essas metáforas apontam também o tipo de relação com o objeto “risco no trabalho”. Na sequência são apresentados alguns exemplos das falas dos sujeitos. Embora as metáforas sejam variadas, muitos significados são os mesmos, ou então são próximos.

Em relação à desconfiança, expressa em várias falas, um exemplo pode ser o da metáfora “cobra”, indicando imprevisibilidade: “Eu acho que o risco poderia ser um animal, uma cobra! Você não pode confiar porque provavelmente, certamente ela vai te morder. Ela pode ser venenosa ou não, mas certamente ela vai te morder.” (E14)¹. A precaução, a necessidade de conhecimento pode ser exemplificada na metáfora do “leão”:

Se eu fosse considerar risco, eu consideraria um animal, um animal feroz, um leão, por exemplo. Você sabe que existe uma imponentia, existe um poder naquilo ali, mas você sabe que você tem que manter uma certa distância, caso contrário, você pode se ferir se você ultrapassar aquele limite ali, você pode acabar se ferindo, eu vejo o risco dessa forma.” (E19).

A metáfora do “mar” foi expressa com o significado de algo que também demanda necessidade de conhecimento, devido principalmente à fatalidade da morte:

Eu associo risco ao mar, uma praia por exemplo. Se você não estiver, saber nadar, saber lidar com aquilo você consegue ir até certo ponto, até porque nada você pode ultrapassar aquele limite. Se você não tiver, não saber nadar ou alguma coisa assim, é, você pode vir a falecer. No caso de nós, técnicos em segurança, se você não tiver um bom treinamento, se você não estiver capacitado, treinado, você pode até acabar se matando ou matando outras pessoas, ou seja, não sabendo nadar, ou treinamento, ou uso correto de EPI, EPC. Correndo tudo conforme o certo você corre menos risco de se afogar, mesmo sabendo nadar você corre o risco de se afogar. Mesmo usando EPI fazendo tudo certinho ainda corre risco, mas a gente tenta diminuir o máximo possível. Eu associo o risco ao mar.” (E10).

A necessidade de conhecimento apareceu novamente na metáfora do “cachorro pitbull”, associada ao medo, à precaução, à imprevisibilidade:

Eu associo a um cachorro, um pitbull que a galera tem o maior medo. Se você consegue adestrar o animal, por mais que ele seja perigoso você consegue controlar ele. A partir do momento que você não consegue adestrar, não tem controle nenhum, você fica à mercê do que o animal pode fazer com você, o risco que você corre ao passar perto ao lidar com o animal. Então se eu tiver que materializar o risco eu pensaria desta maneira, pois tem um potencial muito grande e se pensar num animal, depende do humor, de várias situações que podem acarretar que esse animal me ataque ou simplesmente tem um potencial alto mas pode ser que ele não faça nada num dia, esteja num dia bom e não me faça nada e no dia que eu possa achar que ele está

1

Os sujeitos foram enumerados de E1 a E22.

num dia bom, ele pode estar estressado e pode me atacar. Então fica esse jogo de insegurança, se você consegue controlar, bom. Se você não consegue é melhor você se proteger e tomar precauções para não correr esse risco de ser mordido. (E4)

A metáfora “colmeia” apareceu relacionada à necessidade do uso de EPI, denotando prevenção e também necessidade de conhecimento: “Se você estiver utilizando todos os EPIs, se você sabe lidar com aquele animal, você vai lidar tranquilamente, vai conseguir tirar o mel. Vai fazer o trabalho que tem que ser feito. Você vai conseguir fazer da maneira correta, usando o EPI correto, sabendo o período certo que pode mexer na abelha” (E2). E a metáfora do “mosquito da Zica” foi mencionada no âmbito do risco à saúde: “O risco para mim é assim uma situação de perigo. E assim... isso é muito difícil...Mosquito da Zica! Eu sou gestante. Então agora nesse período da minha gestação se eu vier a pegar Zica vai ser uma complicação, vai ser um perigo para mim. Então isso para mim é risco”. (E12).

As análises dos questionários e das metáforas ainda não oferecem condições de afirmar que existe uma representação social de “risco no trabalho” para esse grupo. Os resultados indicam que tal representação parece estar se construindo durante a formação dos estudantes. No entanto, alguns elementos, associados entre si, podem favorecer a proposição de um “esquema representacional”, como o que está exposto na Figura 1.

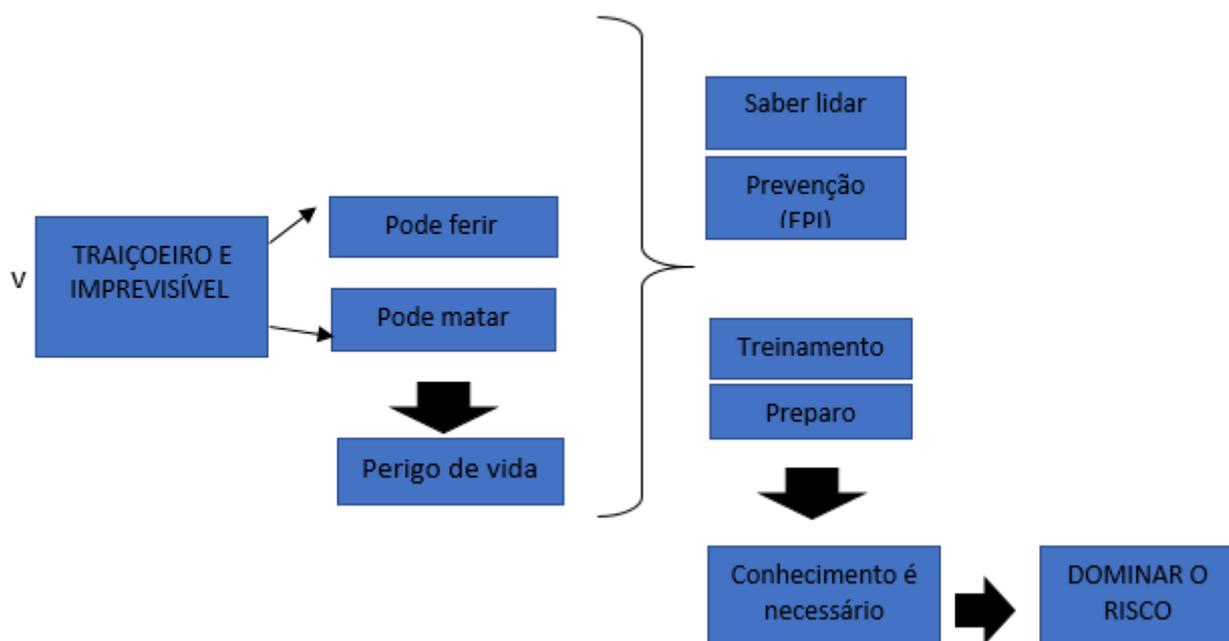


Figura 1: Esquema representacional de “riscos no trabalho” elaborado por estudantes de Segurança no Trabalho.

Os elementos parecem se organizar da seguinte maneira: “riscos no trabalho” são traiçoeiros e imprevisíveis, devido à possibilidade de ferimentos e/ou morte. É necessário saber lidar com eles, prevenir, particularmente com o uso de EPI. Treinamento e preparo para enfrentá-los é fundamental. Sendo assim, adquirir o “conhecimento necessário” no curso é fundamental para dominar “riscos no trabalho”. O elemento que organiza esse esquema é a “necessidade de conhecimento”, presente tanto nas respostas aos questionários, quanto nas metáforas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A literatura aponta que o desenvolvimento científico e tecnológico, crescentes na modernidade, amplificou a geração de riscos, especialmente no trabalho. Pesquisas diversas indicam o crescente número de acidentes ou danos à saúde em locais de trabalho que são efetivamente ambientes de risco.

Diante desse quadro, o presente estudo buscou investigar representações de “risco no trabalho” elaboradas por um grupo de alunos do Curso Técnico de Segurança do Trabalho. A escolha do curso se justifica pela relação direta das atividades destes profissionais com o tema da pesquisa. Os discursos que emergiram do grupo, em seu conjunto, demonstraram que elementos da representação que coordenam as respostas dos sujeitos expressam a importância de se ter acesso ao conhecimento sobre “riscos no trabalho”. Esta pode ser uma pista para os cursos de formação, pois os estudantes parecem criticar um conhecimento superficial e pouco teórico sobre o tema. Revelaram ainda que questões envolvendo “riscos no trabalho” que não dependem diretamente do conhecimento técnico são afetadas por dimensões pessoais e sociais que influenciam as tomadas de decisões dos sujeitos.

Assim podemos observar, por meio da análise do questionário e das metáforas com seus significados, que o conhecimento sobre “riscos no trabalho” precisa ser ampliado incluindo todas as dimensões que envolvem práticas e tomadas de decisões. Os resultados mostram a relevância de se avançar em pesquisas sobre representações sociais nessa área de formação, valorizando-se os discursos e as práticas de alunos de cursos técnicos de segurança do trabalho e de outros cursos que lidam com riscos. Dessa maneira, novas propostas de atividades e abordagens de conteúdos que trabalhem a questão do “risco no trabalho” podem ser implementadas buscando-se uma formação apropriada às demandas dos riscos dos tempos atuais.

Partindo do princípio que as representações podem influenciar na adesão às práticas preventivas necessárias para as abordagens de “risco no trabalho”, outra pista que esse estudo propõe é o aprofundamento das práticas, com base em observações do que fazem, de fato, os estudantes e trabalhadores. Os resultados aqui apresentado correspondem a respostas a questionários e discursos por meio de metáforas, que podem ter caráter normativo. A observação das práticas no trabalho poderia indicar resultados complementares aos que foram aqui expostos. De qualquer modo, identificar representações sociais de “riscos no trabalho” pode se constituir em forte via de pesquisa nesse campo de formação.

REFERÊNCIAS

- ANCHIETA, V.C.C.; GALINKIN, A.L.; MENDES, A.M.B.; NEIVA, E.R. Trabalho e Riscos de Adoecimento: um estudo entre policiais civis. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, Abr-Jun 2011, v. 27 n. 2, pp. 199-208. Universidade de Brasília.
- ANDRADE, D. B. da S. F. **O lugar feminino na escola: um estudo em representações sociais**. Tese de doutorado. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, Brasil, 2006. <https://tede2.pucsp.br/handle/handle/16255>
- AREOSA, J. (), As percepções de riscos dos trabalhadores: conhecimento ou “iliteracia”?, **Colóquio Internacional de Segurança e Higiene Ocupacionais - SHO2007**, Guimarães, 2007^a, p. 131-134.
- AREOSA, J. Atitudes comportamentais perante o risco. **Congresso Internacional de Segurança e Higiene no Trabalho**, 2007b, Porto, 4-8.
- AREOSA, J. As percepções de riscos num serviço de imagiologia hospitalar. In: GUEDES SOARES *et al.* (Orgs.), **Riscos, públicos e industriais**. Lisboa: Edições Salamandra, 2007c, p. 1233-1248.
- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. tradução Luis Antero Reto. Augusto Pinheiro – São Paulo: Edições 70. 2016.
- BECK, U. **Sociedade de risco: rumo a uma outra modernidade**. Tradução de Sebastião Nascimento. São Paulo: Ed. 34, 2011. 368 p.
- BERNARDO, M. H. Representações dos trabalhadores sobre os riscos em uma usina química. **Cadernos de Psicologia Social do Trabalho**. v.5. São Paulo dez. 2002.
- BERNSTEIN, P. L. **Desafio aos Deuses: a fascinante história do risco**. tradução Ivo Korytowski. Rio de Janeiro: Elsevier, 1997.
- BRASIL. Ministério do Trabalho. NR-6: equipamento de proteção individual - EPI. In: **Segurança e Medicina do Trabalho**. 61a. ed. São Paulo: Atlas, 2007. p.73-80.
- CAMPOS, P. H. Representações Sociais, Risco e Vulnerabilidade. *Representação da Saúde: Abordagens Contemporâneas*. **Tempus, Actas de Saúde Coletiva**, v. 6, n. 3, p.14-21, 2012.
- DOUGLAS, M. **Risk and Blame: Essays in cultural theory**. London: Routledge, 1992.
- DWYER, T. **Vida e morte no trabalho: acidentes do trabalho e a produção social do erro**. Rio de Janeiro: Multiação Editorial, 2006.
- FACCHINI, L. A.; FASSA, A. G.; DALL’AGNOL, M. M.; LIMA, R. C. Ícones para mapas de riscos: uma proposta construída com os trabalhadores. **Cad. Saúde Pública.**, Rio de Janeiro, 13(3):497-502, jul-set, 1997.
- FREITAS, C. M.; GOMEZ C. M. Análise de riscos tecnológicos na perspectiva das ciências sociais. **História, Ciências, Saúde – Manguinhos**, 3(3), 1996/1997, p. 485-504.
- GIDDENS, A. **As consequências da modernidade**. tradução Raul Fiker. São Paulo: Editora Unesp, 1991. – (Biblioteca básica).
- GIL, A.C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6 ed. São Paulo: Atlas, 2008.
- GUARESCHI, P.; JOVCHELOVITCH, S. **Textos em representações sociais**. In: GUARESCHI, P.; JOVCHELOVITCH, S. (Orgs), Ed.14. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.
- JODELET, D. Experiência e Representações Sociais. In: MENIN, M.S. S; SHIMZU, A.M (Orgs.) **Experiência e Representação Social: questões teóricas e metodológicas**. São Paulo: Casa do Psicólogo, p. 23-56, 2005.
- JODELET, Denise. Representações sociais: um domínio em expansão. In: JODELET, D. (Org.). As representações sociais. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2001.p. 17-43.**
- LIMA, R. C., CESAR, G. V., MARINEL, M. D., LUIZ, A. F.; FASSA, A. C. G. Percepção de exposição a cargas de trabalho e riscos de acidentes em Pelotas, RS (Brasil)* **Rev. Saúde Pública**, 33 (2): 12-46, 1999- www.fsp.usp.br/~rsp.
- LOEWENSTEIN, G. *et al.* Risk as feelings, **Psychological Bulletin**, v.127, p. 267-286, 2001.
- MARZIALE, M.H.P.; NISHIMURA, Y.N.; FERREIRA, M.M. riscos de contaminação ocasionados por acidentes de trabalho

com material perfuro-cortante entre trabalhadores de enfermagem. **Rev Latino-am Enfermagem**, v.12, n.1, p.36-42, jan. fev. 2004 *Artigo Original* www.eerp.usp.br/rlaenf 36

MAZZOTTI, T. B. Investigando os núcleos figurativos como metáforas. **I Jornada Internacional sobre Representações Sociais**. CD-ROM. Natal-RN, p. 1-12, 1998.

MINISTÉRIO DO ESTADO DO TRABALHO. Portaria n.º 3.214, de 08 de junho de 1978.

MORAES, P.M de; CHAMON, E.M.Q.O; CHAMON, M.A. Risco: um estudo em representações sociais. X Encontro Latino Americano de Iniciação Científica e VI Encontro Latino Americano de Pós Graduação. **Revista Univap**. São José dos Campos, SP, v.13, n.24, out. 2006. ISSN 1517-3275. Universidade do Vale do Paraíba.

MOSCOVICI, Serge. **Representações Sociais: investigações em psicologia social**. Editado em inglês por Gerard Duveen; traduzido do inglês por Pedrinho A. Guareschi. 11. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.

MOSCOVICI, S. (2009). **Representações sociais – Investigações em psicologia social**. 6. ed. Editora Vozes.

MOSCOVICI, S. **Representações Sociais: investigações em psicologia social**. Trad. Pedrinho A. Guareschi. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 2011.

MOSCOVICI, S. **A psicanálise, sua imagem e seu público**. Petrópolis: Vozes, 1976.

MOSCOVICI, S. **La psychanalyse, son image et son public: étude sur la representation sociale de la psychanalyse**. Paris: Presses Universitaires de France, 1961.

NEVES, T. P. As contribuições da ergologia para a compreensão da biossegurança como processo educativo: perspectivas para a saúde ambiental e do trabalhador. **O Mundo da Saúde**. São Paulo: 2008: jul/set 32(3):367-375.

PERES, F., ROZEMBERG, B; LUCCA, S.R.de. Percepção de riscos no trabalho rural em uma região agrícola do Estado do Rio de Janeiro, Brasil: agrotóxicos, saúde e ambiente. **Cad. Saúde Pública**, Rio de Janeiro, 21(6):1836-1844, nov-dez, 2005.

SÁ, C. P. **A construção do objeto de pesquisa em representações sociais**. Rio de Janeiro, Brasil: Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 1998.

SIMONELLI, A. P.; CAMAROTTO, J. A.; SPIRIDÍÃO BRAVO, E. VILELA, R. C. Proposta de articulação entre abordagens metodológicas para melhoria do processo de reabilitação profissional. **Revista Brasileira de Saúde Ocupacional [en línea]** 2010, 35. Acessado em 6 de novembro de 2018, Disponível em: <<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=100513733008>> ISSN 0303-7657

TAKAHASHI, M.A.B.C.; SILVA, R.C.D.; LACORTE, L.E.C. *et al.* Precarização do trabalho e risco de acidentes na construção civil: um estudo com base na Análise Coletiva do Trabalho (ACT), **Saúde sociedade**, v.21, n.4, p.976-988, 2012.

TEIXEIRA, A. M. S; ROCHA, C. M. V. Vigilância das coberturas de vacinação: uma metodologia para detecção e intervenção em situações de risco. **Epidemiol. Serv. Saúde**, Brasília, v.19, n.3, p.217-226, set. 2010. Disponível em <http://scielo.iec.gov.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-49742010000300004&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 06 nov. 2018. <http://dx.doi.org/10.5123/S1679-49742010000300004>.